

Neemias Queta:

“Não quero ser treinador. Dono de uma equipa pode ser mais o meu perfil”

BASQUETEBOL O internacional português falou ao DN sobre o novo contrato com os Boston Celtics, a relação com a família e com Joe Mazzulla, o caminho que o levou da Margem Sul à NBA e uma ambição que permanece intacta: voltar a ser campeão.

TEXTO CECÍLIA CARMO FOTO PAULO SPARNGER

Neemias Queta não deixa que o basquetebol o defina. Nem as vitórias, nem os fracassos. Depois de se afirmar definitivamente na NBA e de garantir estabilidade em Boston com um novo contrato, o poste português dos Celtics continua a olhar para trás quase todos os dias e a pensar no caminho percorrido desde a infância na Margem Sul. À frente, porém, não coloca limites. All-Star? MVP? Admite que seriam conquistas especiais, mas há uma que surge sempre primeiro: voltar a ser campeão da NBA.

Se hoje lhe retirassem o basquetebol, quem seria o Neemias Queta?

A mesma pessoa. Sem dúvida. Não deixo que o basquetebol me defina ou faça de mim uma pessoa diferente.

Quando está em Boston sente-se diferente do Neemias que está em Portugal?

Acho que sim. É diferente a maneira como tenho de lidar com o meu dia a dia. Há certos aspetos da minha vida com que tenho de lidar de maneira diferente, mas não é algo que me faça muita diferença ou que me chateie muito. **Qual foi a última vez em que pensou: “Como é que aquele miúdo do Vale da Amoreira veio aqui parar?”**

Praticamente todos os dias. É uma espécie de beliscão para acordar para a vida. E, quando não te sen-

tes tão bem para jogar ou para treinar, podes usar isso como motivação.

Lembra-se de onde estava quando percebeu que ia assinar o novo contrato com os Celtics?

Sim. Estava em Boston.

E o que pensou naquele momento?

Fiquei sobretudo feliz pela realização de saber que ia ter uma casa durante mais tempo. Ia continuar em Boston sem ter de estar constantemente a olhar por cima do ombro e a pensar no futuro. Saber que Boston vai ser a minha casa durante vários anos foi o mais gratificante.

Quem foi a primeira pessoa a quem ligou?

À minha velha.

E o que disse ela?

Ficou contente, mas disse-me mais do mesmo: para manter sempre os pés assentes no chão e continuar a ser a mesma pessoa.

Um contrato desta dimensão (56 milhões de dólares em quatro anos) altera necessariamente a vida. Já pensou no que gostaria de fazer com essa segurança financeira?

Ainda não pensei muito nisso. Para mim, o mais importante era mesmo ter a estabilidade de saber que vou ficar mais anos na minha equipa e não ter de me preocupar constantemente com aquilo que o futuro poderia trazer. Tenho muitas coisas na cabeça e sei que quero retribuir de uma maneira ou de outra. Mas, quando assinei,

o mais importante foi saber que ia continuar em Boston durante vários anos e poder chamar-lhe casa.

Investir em Portugal interessa?

Obviamente. É a minha casa. Nasci e cresci aqui e acho que é sempre bom podermos retribuir à nossa própria comunidade.

E particularmente à comunidade onde cresceu?

Acima de tudo.

Que imagens lhe aparecem imediatamente quando pensa na infância?

A escola, os sítios onde cresci, os meus amigos, a minha família.

Ser tão alto era mais uma vantagem ou um incómodo quando era miúdo?

Muitas vezes era incómodo. O pé era grande, as camas eram pequenas... comprar roupa também era uma inconveniência. Às vezes a roupa não durava mais do que um mês porque já tinha crescido. Havia esses incómodos, embora, ao mesmo tempo, tenha sido essa altura que também me ajudou a chegar onde cheguei.

Sem a sua irmã, provavelmente não estaria hoje aqui, porque foi ela que o levou para o basquete-

Neemias Queta vai organizar esta semana um campo de basquetebol para jovens. Trouxe amigos treinadores dos Estados Unidos e vai passar uma semana na Quinta dos Lombos, em Carcavelos, a ensinar os mais novos e a partilhar experiência.

bol. Falam sobre isso?

Não falamos muito, mas acho que é bastante claro para os dois que, sem aquele momento, provavelmente não estaríamos aqui agora.

O sucesso afasta necessariamente algumas pessoas?

Não diria que afasta as pessoas de mim ou que eu me afasto delas. Às vezes é simplesmente difícil lidar com tanta coisa ao mesmo tempo. Sou apenas um ser humano e há momentos em que fico um pouco sobrecarregado. Acho que, às vezes, peço nesse aspeto, mas tenho boas intenções e tento fazer o meu melhor para estar com as pessoas o máximo possível.

Fala sempre com muito carinho da família e, especialmente, da sua mãe. O que conserva da educação que os seus pais lhe deram?

Acho que já está completamente enraizado em mim. É a minha maneira de agir e a minha forma de ser. Quando fazes determinada coisa desde criança, chega a uma altura em que nem te apercebes.

Eles tiveram medo quando decidiu ir para os Estados Unidos?

Sem dúvida. Qualquer pai ou mãe sente isso ao ver um filho ir para longe. Mas perceberam que podia ser algo muito bom para mim e que era uma oportunidade única na vida.

Foi preciso convencê-los?

Foi. Mas acho que também perceberam que o filho deles tinha juízo e a cabeça no sítio certo. A partir daí, confiaram em mim.

Alguma vez pensou em desistir?

Muitas vezes.

Porquê?

Quando somos mais novos comparamo-nos com outros jogadores e com outros miúdos. Há momentos em que sentimos que não estamos tão bem como gostaríamos e ficamos frustrados. Mas também tinha muita camaradagem no basquetebol. Os amigos faziam-me continuar a ir aos trei-

nos. Depois começámos a treinar juntos fora dos treinos de equipa e fui ganhando um gosto diferente pelo jogo e comecei a trabalhar de outra maneira. Sinto-me igual a como era no lugar de onde parti. É isso que me dá mais gozo nesta caminhada.

Recorda-se da primeira noite sozinho nos Estados Unidos? Como foi?

Foi única. Cheguei ao apartamento, estavam lá os meus colegas, apresentei-me e depois fui para o quarto. Deitei-me e senti aquele vazio: “Agora estou mesmo aqui.” Foi um momento especial.

Houve uma lágrima?

Não, não chorei. Só depois [risos].

Quando ouviu o seu nome no draft da NBA, o que sentiu?

Realização. Fiquei muito contente. Mostrei os 32 dentes a toda a gente [risos]. Foi um momento muito especial.

Depois de Sacramento veio Boston. Quando os Celtics apareceram, sentiu que era a última oportunidade ou apenas mais uma?

Via-a como mais uma oportunidade. Tinha outras equipas interessadas, mas percebi imediatamente que Boston era o lugar ideal para mim. Não apenas pela história, mas também pela forma como, nos anos anteriores, tinham construído equipas competitivas, capazes de chegar longe nos *play-offs*, e pela qualidade dos jogadores.

E acabou campeão logo no primeiro ano.

Sim. Acho que tínhamos tudo para dar certo. Também havia um historial de evolução de jogadores que estavam mais ou menos na minha posição e achei que fazia todo o sentido ir para Boston.

